



A EXPLOÇÃO, DO virtual ao real

AMEAÇAS AO PLANO PILOTO, ESCÂNDALOS POLÍTICOS, LEMBRANÇAS DOS TEMPOS ANTIGOS E AS REDES SOCIAIS, JUNTOS, TIRARAM OS BRASILIENSES DE DENTRO DE CASA

CONCEIÇÃO FREITAS

Quando escreveu *As cidades invisíveis*, Italo Calvino não imaginava que existisse um lugar que era ao mesmo tempo ficção e realidade, área urbana e zona rural, arquitetura e vazios, e que despertava em igual intensidade paixão e ódio. Inventor de lugares misticamente incriveis, Calvino não projetou uma cidade que só se realizaria como tal, na dimensão física, a partir do ambiente virtual. O surgimento das redes sociais, na plataforma das realidades impalpáveis, aproximou uma gente que não conseguia ter contatos reais, dados os imensos vazios e a rigorosa segmentação do projeto urbano de Lucio Costa.

A cidade sem rua, sem esquina e sem mistura se encontrou na realidade cibernética e, a partir dela, ocupou os amplos espaços que sempre estiveram à espera de quem os legitimasse. Cidade-parque, cidade-jardim, mas cidade vazia, até que grupos e comunidades foram surgindo nas redes sociais e ocorreu a “explosão”, como diz o arquiteto Cristiano Nascimento, do Urbanistas por Brasília.

Houve, como define o dicionário, uma “manifestação súbita e viva, geralmente ruidosa, de emoções contidas, de sentimentos, de um estado de espírito”. Brasília estava reprimida em apartamentos, casas e quitinetes há, pelo menos, três gerações: as que vieram para cá crianças, jovens ou adultos e das que nasceram aqui e já se transformaram em jovens e adultos. No cruzamento do mundo virtual com o mundo real, a cidade renasceu ou se realizou à altura da projeção de Lucio Costa.

A explicação é de Cristiano Nascimento: “Brasília é tão futurista que passou a funcionar muito melhor com as redes sociais. Quando elas começaram a bombar, Brasília acelerou. Ela é ampla demais, o contato físico fica prejudicado. As redes sociais aproximaram as pessoas. Aí, houve a explosão.”

Com a ajuda de Cristiano, o *Correio* cita algumas das mais importantes iniciativas que nasceram na dimensão virtual e desceram para debaixo do bloco (veja insert). São coletivos, com esse nome ou não, de ativismo urbano, economia criativa, eventos gastronômicos e artísticos, memórias da cidade, design e estilo, agricultura urbana e blocos de carnaval. Nunca antes na história desta cidade houve uma folia tão abarrotada de gente como a de fevereiro de 2015.

Se é possível identificar a fagulha de onde se originou a explosão, ela pode estar na reação inesperada dos brasilienses à Praça da Soberania, projeto que Oscar Niemeyer pretendia impor ao canteiro central do Eixo Monumental. Depois, veio o escândalo da Caixa de Pandora. Brasilienses inquietos e indignados começaram a pôr a cabeça de fora para mostrar que a capital do país não se resumia às cenas de dinheiro na cueca, na bolsa e em orações.

Quando, um ano depois, soube que o governo Agnelo pretendia construir edificações de mais de 20 andares na 901 Norte, o arquiteto Cristiano Nascimento decidiu expandir sua indignação. Mobilizou arquitetos, alunos e professores de arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Pouco depois, a notícia de que o governo petista pretendia apresentar à Câmara Legislativa um projeto com o nome de PPCub esquentou o sangue dos arquitetos. O eufemismo chamado Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília mobilizou os arquitetos e, pouco tempo depois, estava criado o grupo Urbanistas por Brasília.

Também foi a quentura nas veias que moveu a jornalista Marta Crisóstomo a abrir um grupo numa rede social, o Nós que amamos Brasília. “Há vários anos, tento participar de movimentos em defesa do cerrado e da cidade. Quando comecei a ouvir falar de um tal de PPCuB, me interessei. Conheci pessoas também interessadas e indignadas e começamos a estudar e questionar o conteúdo do projeto. Mas a ideia do Nós que amamos

Brasília já havia surgido no tempo da história da Praça da Soberania...” Passado um ano, o Nós já tem 9.699 participantes.

Mais que ele, só o DAQAM, que vem a ser Brasília Das Antigas Que Amamos Muito. Até o meio-dia de quinta-feira passada, o grupo já agregava 16.465 membros, brasilienses que fazem circular nas redes imagens dos primeiros tempos da cidade. Administrador da página, Chiquinho Dornas é filho de candangos que vieram participar da construção da cidade. O pai, Francisco Colen, montou a estrutura hoteleira do Catetinho, o palácio de tábuas. Chiquinho era bem Chiquinho quando chegou a Brasília — tinha 1 ano de idade.

O DAQAM fez tanto sucesso que, em paralelo a um blog sobre política brasiliense, consome de oito a dez horas do dia de seu administrador. “Esse interesse por Brasília tem a ver com o que Agnelo e Magela (governador e vice-governador do DF na gestão passada) fizeram com a cidade.” O nome se deve a uma expressão muito comum entre os que moram em Brasília há muito tempo: “Fulano é das antigas”.

O jornalista Silvestre Gorgulho, ex-secretário de Cultura do GDF, é “das antigas”, mas está novo em folha de tanto entusiasmo com a página Memória de Brasília: “A memória de Brasília acende uma chama no coração de cada candango.”

É tanta a sede de participar, fotografar, comentar, postar, que os grupos vão ganhando filhotes: do perfil Nós que amamos Brasília surgiu o Nós que amamos a arte e a cultura de Brasília. “Vimos que, no Nós..., havia muita publicação de foto celebrando a cidade. Então, resolvemos abrir uma outra página gêmea, especializada em fotos. Tanto para dar mais espaço às fotos quanto para liberar a outra página para discussão de temas que interessam à cidade”, conta Nelson Oliveira, administrador da página. Os desdobramentos chegaram ao detalhe: há um grupo chamado Ônibus antigos de Brasília, com fotos dos baús de antigamente.

Alguns grupos

Urbanistas por Brasília, Nós que amamos Brasília, Ocupe o Lago, Nossa Brasília, Minha Brasília, BsbNight, Rodas da Paz, BsbNight, Experimente Brasília, Camelo Bike Tour, O Novo Guia de Brasília, Coletivo Feira Livre, Pic Nik, Deguste, Quitutes Bsb, Chefs nos Eixos, Food Park, Festa Mimosa, Céu com Cinema, Parque Sonoro, Andaime Cia. de Teatro, Histórias de Brasília, Quadrado Brasília, Minha Brasília, Projeto Pilotis, Superquadra Criativa, Em Quadra, Bsb Memo, Brasília Conceito, Candanguices, Cobogó, Verdurão Camiseta, Agricultura Urbana Brasília, Horta Comunitária 114 Sul, Projeto Reação, Coletivo 312, Coletivo 416 NE, Rejunta meu Bulcão, Aparelhinho, Babydool de Nylon, Suvaco da Asa.